

5. Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo principal investigar, através de um estudo de caso, como a discordância se realiza num contexto argumentativo de debate televisivo numa interação em língua espanhola, com a intenção de contribuir para uma melhor compreensão sobre o modo como a realização da discordância é sensível ao tipo de atividade e às normas culturais de um grupo.

Teoricamente, este trabalho foi norteado por uma perspectiva Sociolingüística Interacional, fundamentada nos trabalhos de Goffman (1967, 1974, 1981) e também em conceitos de Gumperz (1982a, 1982b, 1999b) e pelas contribuições da Análise da Conversa. Nos estudos sobre a discordância destacaram-se Pomerantz (1984), Schiffrin (1984), Hayashi (1996), Georgakopoulou e Patrona (2000) e Blum-Kulka et al. (2002). Para os estudos da Argumentação nos deram suporte Schiffrin (1987) e Gryner (2000).

Tendo apresentado, no capítulo anterior, a análise das seqüências de discordância em contexto argumentativo institucional, cabe, agora, encaminhar respostas às perguntas de pesquisa apresentadas na fase inicial deste estudo e retomadas a seguir, para atuarem como ponto de partida na tarefa de concluir este trabalho:

Questão (i):

Como a estrutura argumentativa é construída pelos participantes em interação na seqüência de dois turnos, considerando que o segundo seja discordante do primeiro?

Partindo do modelo argumentativo proposto por Schiffrin (1987) que identifica a *posição*, a *disputa* e a *sustentação* como os três componentes da argumentação, e das postulações a esse modelo feita por Gryner (2000), estabelecendo que a *sustentação* se fundamenta em evidências que ilustra a posição através de fatos concretos, nosso trabalho observou que a estrutura argumentativa construída na interação de um debate televisivo é composta pelos

elementos *posição* e *argumento*, enquanto a estrutura da discordância se apresenta como uma *contraposição* e um *contra-argumento*.

As evidências que sustentam os argumentos se apresentam em nossos dados como alvo de discordância, uma vez que num mesmo tema, os participantes escolhem umas em detrimento da omissão de outras. Em outras palavras, a discordância está na forma como o participante se apropria da evidência para sustentar sua defesa.

Essa omissão de informação que se apresenta como uma estratégia para a defesa de posições, nem sempre se mostra favorável ao participante que a utiliza, uma vez que é capaz de gerar uma incerteza, em termos de credibilidade, à audiência do debate. O público que acompanha esse tipo de programa acaba se tornando o “grande júri” do que ocorre na interação, pois é ele quem decreta no fim o melhor debatedor, ou seja, aquele que melhor convenceu à audiência. Dessa forma, a estratégia de omissão de informações, ao mesmo tempo em que pode favorecer ao interagente na estrutura argumentativa, pode ser também muito prejudicial à imagem pública do participante como jornalista e debatedor.

Observamos que os componentes da estrutura argumentativa são apresentados nos turnos seguindo padrões estabelecidos pelos participantes no decorrer da interação. A posição, por exemplo, pode iniciar o turno assim como concluí-lo; ela pode também ser recorrente, ou seja, apresentada no início e repetida no final; ou ainda pode ser intercalada com o argumento, disputando a ordem de apresentação até o final do turno. O mesmo processo é observado no turno discordante, em que as contraposições e os contra-argumentos negociam durante o tempo de fala a ordem de colocação no turno.

No entanto, esse posicionamento dos componentes não ocorre de forma aleatória, visto que os participantes seguem regras interacionais no desenvolvimento de sua fala. Uma dessas regras, denominada regra da preferência pela contigüidade (Sacks et al., 1974), em que o turno seguinte se inicia pelo final do turno anterior se mostrou pouco usada no debate, enquanto o critério de priorização de informações se apresentou mais recorrente. A opção pela priorização nos leva a afirmar que no debate em que está em jogo tentar convencer a audiência de que a razão está com quem fala, o debatedor busca na fala de seu antecessor um elemento que possa ser refutado a seu favor; que possa ser ponto de discordância em sua defesa. Portanto, ao priorizar o elemento

posição ou *argumento*, o falante escolhe aquele que lhe ofereça mais vantagens na disputa pelo convencimento da opinião pública.

Uma última análise pertinente à estrutura argumentativa observada em nossos dados diz respeito à diferença no tempo de fala destinado à defesa de posição e à apresentação do argumento que sustenta tal posição. O participante durante seu turno usa um tempo muito maior, em torno de oitenta por cento, para sustentar sua posição através da apresentação do argumento, enquanto à posição em si é destinado um tempo muito menor. Essa diferença também é observada quando esses componentes se apresentam discordantes na interação, como contraposições e contra-argumentos, o que nos leva a assumir que expressar a posição é uma atividade que tende a ser mais rápida na interação argumentativa que a atividade de sustentá-la.

Sendo assim, podemos concluir que a estrutura argumentativa da discordância se constrói em torno de um tema no qual os participantes são convidados a posicionar-se através de argumentos baseados em evidências cabíveis à função de jornalistas que desempenham, ou seja, conhecedores dos acontecimentos sociais e políticos da atualidade. Neste processo, as evidências ocupam um papel essencial, pois são elas que determinam na interação institucional o quanto tal participante é conhecedor da “verdade” e, portanto, tendo o seu argumento como o mais próximo do correto.

Questão (ii):

Até que ponto a discordância se apresenta como um ato não-preferido, isto é, marcado estruturalmente na atividade de fala do debate televisivo?

Embora consideramos que a discordância possui um status menos evitável no contexto argumentativo e institucional de nossos dados, observamos que ela se apresenta em diversos momentos como uma ação marcada estruturalmente. Verificamos que grande parte dos turnos discordantes se realiza com marcas de atrasos, através de estratégias de repetições e prefácios, usadas pelos participantes na tentativa de atrasar a ação principal do turno que é a ação de discordar. Essas marcas estruturais são percebidas pelos participantes que, em alguns casos, reagem intensificando a sequência da discordância na interação.

Nas estruturas de pares adjacentes, notamos que a segunda parte do par, quando discordante, tende a ser produzida na mesma força ilocucionária que a primeira parte do par. Dessa forma, se o primeiro par se mostra com uma posição ou um argumento forte, o segundo também se apresentará com uma contraposição ou contra-argumento forte. Essa observação nos faz assumir que o participante precisa contra-argumentar com a mesma intensidade que seu opositor para que consiga fazer com que sua posição seja a mais próxima da correta, no julgamento da audiência. Se o adversário A é incisivo nas posições e o B não o é, o A leva vantagem sobre o B, pois não contra-argumentar com o mesmo peso interacional passa uma insegurança sobre ser conhecedor do assunto em debate.

No entanto, há de se levar em consideração as características pessoais dos participantes na interação que interferem em seu posicionamento durante o debate. Os fatores individuais como o tom de voz, a rapidez em pronunciar seu turno ou até a escolha de termos mais incisivos ou mais brandos podem ser específicos de um determinado participante, não sendo então, relevante a ordem de seu pronunciamento na sequência argumentativa. Em outras palavras, é possível dizer que um participante X pode ter sempre a postura de posicionar-se de forma mais fraca ou mais forte, sendo seu turno discordante ou não. Podemos concluir, então, que a variação na força da discordância não só se relaciona a questões de sequencialidade, mas também parece ser sensível a fatores individuais dos participantes do debate.

Jose Antonio é um exemplo deste tipo de participante. Em seus turnos analisados, ele não só se posiciona de forma mais fraca como também se isenta em grande parte dos assuntos discutidos. Essa característica é interessante à interação como um todo, pois ao mesmo tempo em que o participante prefere não ter uma posição, esta isenção se torna o seu posicionamento, uma vez que isentar-se sobre um assunto é uma forma de posicionar-se sobre ele.

Sendo assim, se Jose Antonio considera que se mantendo sem posição aparentemente definida no debate é uma estratégia que lhe evite turnos discordantes, ele não obtém o objetivo esperado, pois essa aparente falta de posição marca seu turno como discordante dos turnos dos outros debatedores, uma vez que estes apresentam posições e as desafiam constantemente na interação, enquanto Jose Antonio não procede desta forma. Essa pseudo neutralidade,

portanto, acaba se tornando na estrutura seqüencial da interação, uma estratégia de discordância em relação a seus companheiros de debate.

Questão (iii):

Considerando a atividade de fala em questão, quais as estratégias de modificação de força utilizadas pelo falante em interação?

As estratégias de polidez, segundo Brown e Levinson (1987), são utilizadas pelo falante na tentativa de preservar a harmonia da interação e a mútua face, a do ouvinte e a do falante. Algumas estratégias, no entanto, como observadas em nossos dados, são usadas como recursos que mitigam o ato de discordar e outras como instigadores da discordância.

Como mitigadores encontramos os minimizadores de força e os marcadores de opinião. Esses, no entanto, notamos que possuem uma função ambígua em seu uso na interação: ou minimizam o ato da discordância ou maximizam a força do ato na voz de um especialista, visto que este não emite meramente uma opinião. Ao argumentar ou posicionar-se sobre um assunto, o especialista se torna a voz do conhecimento, da verdade, que tende a ser aceita pela opinião pública. O marcador de opinião então, se torna ao mesmo tempo, uma estratégia de polidez e um enfatizador de seu conhecimento, o que explica seu uso abundante em nossos dados.

De encontro à literatura prévia sobre os mitigadores usados para produzir o ato de discordar (Pomerantz, 1984; Georgakopoulou e Patrona, 2000), observamos que os reparos e as perguntas retóricas são recursos que servem de instigadores da discordância, fazendo-a avançar pelos turnos da interação. As perguntas retóricas, por exemplo, são formuladas desta forma no primeiro turno, porém não interpretadas como retóricas no segundo. O interlocutor as considera como um desafio que mereça resposta em seu turno, desvinculando-se, assim, da retórica inicial.

A realização do reparo também é um exemplo para o avanço da discordância. O reparo de trajetória (ii) – iniciado e resolvido pelo interlocutor – é característico em nossos dados, pois, se torna ponto de partida para a discordância entre os participantes na interação, o que nos leva a assumir uma postura distinta

da assumida por Pomerantz (1984), que considera as iniciações de reparo pelo outro como pré-discordâncias usadas como um recurso que atrasa a manifestação explícita da discordância, ou seja, uma estratégia de adiamento, o que não se comprova em nossos dados.

Portanto, podemos concluir que tanto o reparo quanto as perguntas retóricas são recursos que se apresentam de forma singular em nosso corpus e que trazem contribuições novas à literatura prévia sobre a realização da discordância. Esses recursos intensificam o contexto argumentativo da situação de fala em análise, fazendo com que a discordância avance pelos turnos da interação, sendo portanto, recursos instigadores do ato de discordar.

Por fim, concluímos com este estudo que a produção da discordância no programa de debate televisivo espanhol "59" se realiza através de características específicas de acordo com o contexto em que está inserido – argumentativo e institucional - se comparado com estudos anteriores.

Primeiro, há de se considerar que a estrutura do programa não permite um conflito aberto entre os participantes que só se manifestam quando convocados pela mediadora. Além disso, há um tempo de fala que é controlado pelo programa, não dando margem a que um debatedor fale por um tempo maior que outro.

Essas características estruturais do debate geram uma situação em que a discordância produzida nesse contexto seja também controlada na interação. Esse controle a que estão sujeitos os participantes no programa se reflete nas questões de construção de face diante da exposição pública. O equilíbrio entre construir a própria face e não deixar o outro perder a sua se apresenta muito diferente do que é feito socialmente. Neste contexto o foco está na construção da minha face, nem que para isso eu desmascare a do outro. O problema é que se o participante realiza essa construção de face de modo agressivo como numa situação de conflito aberto, ele pode perder sua face também. Num debate público, é pressuposto que haja um ganhador, pois para a audiência alguém foi melhor e, portanto, o outro foi derrotado.